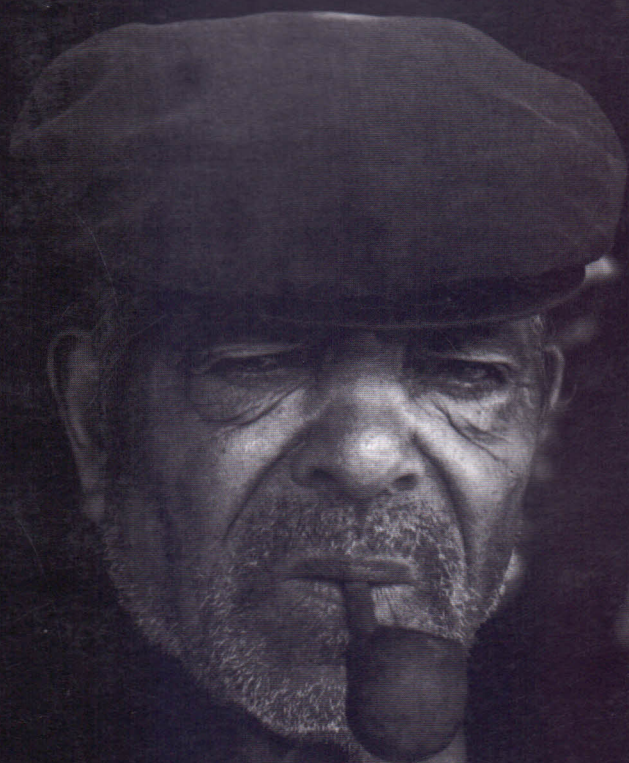


No Jardim do Mundo

t e x t o s



Povo e cultura

Professor Doutor M. Viegas Guerreiro*

Não são preocupações académicas as que me movem a compor este escrito, mas predominantemente sociais, conformes à minha visão do mundo. Por outras palavras, um texto que possa ser útil à classe de leitores a que me dirijo, ao povo que é um de seus **motivos**. Mas a que povo? Ao popular, ao **comum povo**, ao vulgo, à plebe, aos **outros** em relação a nós, em suma à gente economicamente menos favorecida, e, se, acaso, por aí favorecida ainda o não seja nos termos que desenvolvo.

E vem o outro **motivo**, a **cultura**. A palavra é de origem erudita, já existia em latim e queria dizer tanto «*cultura agrí*», **cultura do campo**, sua primeira acepção, por vir de «*colere*», cultivar o campo, como depois também «*cultura mentís*», **cultura do espírito**.

Mas quando falamos hoje de **cultura**, em sentido restrito, que queremos dizer? A palavra tem vários significados. Num quase geral significa **saber** e daí dizer-se, de um indivíduo **culto**, que sabe muitas coisas, que tem uma grande **cultura geral**.

Em nível escolar superior **cultura** é «refinamento intelectual que se manifesta por compreensão e tolerância para com o semelhante, por atitudes sábias, justas e prudentes em face do mundo». Neste sentido, porém, **cultura**, implica instrução, que se adquire nas escolas, mas não chega ser-se instruído, é necessário um aproveitamento inteligente e socialmente

* Centro de Tradições Populares Portuguesas, Faculdade de Letras de Lisboa

modelar do que se aprende. É mais o resultado do saber do que este em si próprio. É, em suma, qualidade de espírito e não pura erudição.

Mas cuidado, que este último conceito insinua um perigoso juízo de valor, que retira a quem não frequenta a escola ou pouco a frequenta a possibilidade de ser **culto**. E aqui está o homem do povo, analfabeto ou de poucas letras, como se o saber só por elas se adquirisse. Não conta o que se aprende em casa, na rua, nas voltas do mundo, no livro aberto da natureza. Sem a fé e o entusiasmo de S. Bernardo (1090-1153), aproveitando, todavia, dele quanto nos ensina da vida livre da natureza, oiçamo-lo gritar aos mestres e estudantes da Universidade de Paris:

«Fugi do meio da Babilónia, fugi e salvai as vossas almas. Correi todos para as cidades do refúgio, onde podereis arrepender-vos do passado, viver em graça no presente e esperar com confiança o futuro quer dizer nos mosteiros. Encontrareis bem mais coisas nas florestas que nos livros. Os bosques e as pedras ensinar-vos-ão melhor que qualquer mestre».¹

Ora do desprezo pelo que se aprende fora dos livros nos liberta o conceito antropológico de **cultura**. E lástima é que dele mais ou menos se arredem os que têm por seus únicos criadores e pregoeiros. Entre dezenas de definições escolhamos três delas e uma singularmente significativa, modelar, clássica, a de Edward Burnet Tylor: Cultura é o «... todo complexo de conhecimentos, crenças, artes, moral, lei, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade». Repetiram-no, com poucas palavras, Robert Lowie e Ralph Linton: «O conjunto de tradições sociais», «A herança social».

A cultura aprende-se, é um bem social, não se nasce com ela. E imagine-se quanto se tem aprendido fora da escola, ao longo de cerca de 1 milhão de anos, desde que um ser antropomorfo foi tocado pela centelha da inteligência, e se pensa a si próprio. A leitura, a escrita poderão ter apenas uns 6000 anos!

¹ Le Goff, Jacques. *Os Intelectuais...* pp. 25-26

Tornemos ao primeiro elemento do nosso binómio, ao povo. Nenhum homem, portanto, inculto, nenhum povo inculto. E cada grupo humano tem sua cultura, donde uma pluralidade de culturas populares. Tiremos, porém, do adjectivo **popular** a carga depreciativa com que a carregam as classes sociais que se demarcam do povo, escuso de dizer do **comum povo**, cuja cultura têm por inferior à sua até a considerarem como uma sub-cultura, um sub-produto da sua, uma degenerescência da sua! Pois até se diz **popular** de ideia ou juízo que se tenha por medíocre, superficial ou mesquinho.

Ao que o povo sabe não se lhe chama ciência, mas **sabedoria**, como se fosse incapaz de raciocínio científico, como se suas criações fossem puramente espontâneas, instintivas. Ora não é raro que seu conhecimento percorra rigorosamente os passos dessa reflexão. Pode a conclusão sair falsa, o que não resulta de incapacidade mental, mas, porventura, de viciosa premissa.

Contos e fábulas, anedotas, invenções proéticas são bem a expressão de sua fina sensibilidade, da agudeza de seu espírito.

Sirva de exemplo a fabulazinha que o dr. Leite de Vasconcellos ouviu, por 1940, um ano antes de sua morte, ao Senhor Manuel Torrado, camponês iletrado de Barrancos, em seu falar barranquenho:

«Uma bê ç'ajuntárom ùh pocu de bixu'. Agora fôram prêzu' i
 dizia u Pêxe áu Lôbu:
 - Tu quê pidiste?
 - Montanha.
 I u pêxe pidiu fundura.
 Agora di u Lôbu:
 - I u ómi que pidiu?
 Di u Pêxe:
 - Manha.
 - Si u ómi pidiu manha, nã te çerbi a ti fundura, nim a mim
 montanha!»²

Ao encontro do povo correm **educadores** depois do 25 de Abril, só que mal preparados para tão complexa função. Queriam educá-lo, como

² *Filologia Barraquenha*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1955, pp. 118-119

se fosse deseducado, levar-lhe a verdadeira cultura, como se a sua fosse falsa. Foi lição que de nada ou de pouco lhe serviu, por não integrável em sua cultura.

Se o resultado de tão abnegado esforço não foi desastroso, foi, pelo menos, relativamente inútil.

Cremos, com este breve discurso, ter feito alguma luz, lá onde ela faltasse, sobre **povo e cultura** e aqui formulamos o voto de que nós, os homens das escolas, desçamos mais fundo no conhecimento do povo, de modo que, actuando, se torne ele mais consciente de suas virtudes, como de suas obrigações.